

# DESAFIOS DA BIBLIOTECA DIANTE DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

**Marcos PASTANA SANTOS** (IFRJ) - marcos.pastana@ifrj.edu.br

**JUREMA ROSA LOPES** (UNIGRANRIO) - jlopes@unigranrio.edu.br

## **Resumo:**

*Este trabalho procura refletir os impactos das comunicações convergentes na formação do leitor. Para se ter biblioteca que proporcione ao usuário não apenas conforto, mas informação utilitária para sua vida, para seus estudos é necessária a construção da formação deste leitor crítico, dinâmico, que consegue decifrar as informações manipuladas por veículos de comunicação. A metodologia da pesquisa foi bibliográfica e utilizou o Portal de Periódicos da Capes para ter acesso aos artigos nos campos da biblioteconomia e ciências sociais. Utilizamos também como consulta os autores, Buckland (1991) sobre o conceito de informação, Burke (2012) sobre a sociologia do conhecimento e para debater as questões sociais do mundo virtual, o sociólogo Bauman (1999). Nosso campo de investigação é sobre a formação de leitores no ambiente das bibliotecas brasileiras. Oferecer informação, pesquisa bibliográfica, não forma um cidadão leitor. Não basta mais disponibilizar informação, se faz necessário capacitar o usuário a buscar de forma autônoma a informação em sites confiáveis. Essa oferta é pertinente, porém é preciso ir além da coisificação da informação. Considerando que a leitura é primordial para a competência informacional, a biblioteca com o auxílio dos profissionais que atuam no ambiente, pode proporcionar ações educativas que promovam uma aprendizagem colaborativa.*

**Palavras-chave:** *Formação de leitores. Conhecimento. Redes sociais.*

**Eixo temático:** *Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)*

**Nº8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos**

**Nº10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.**

## **Introdução**

A propaganda que as mídias de comunicação massificam em divulgar que a internet aumentou o mercado consumidor por informação parece ser verdadeira. A avalanche de informações que recebemos diariamente nos *smartphones*, tem possibilitado ao usuário escolher as informações que lhe despertam interesse. O questionamento que se faz é se temos tempo de consumir tanta informação no mundo atual. O compartilhamento de informação não significa que estaremos necessariamente gerando conhecimento para outras pessoas. O conhecimento é um atributo do indivíduo que leva tempo para se adquirir. Mesmo com a internet oferecendo todo tipo de informação, mesmo que o usuário não tenha mais que pegar um ônibus e levar duas horas para ir à biblioteca que fica localizada no centro de outra cidade para saber se existe o material bibliográfico que seja útil para seu conhecimento. O acesso rápido a informação que a internet nos permitiu fazer de dentro de casa, não encurtou o tempo de aprendizagem, de maturação de um saber. Se antes uma jovem levava oito anos para se formar em balé, com acesso as redes sociais e plataformas de vídeos, a estudante levará o mesmo tempo de formação profissional para se tornar uma bailarina. Este trabalho procura refletir os impactos das comunicações convergentes na formação do leitor. A biblioteca, utilizada em outros períodos históricos, com maior frequência, era considerada um local de culto ao saber, atualmente encontra-se em processo de reencontrar seu real significado na formação de leitores. Para isso, não é o melhor caminho desafiar as mídias virtuais, pelo contrário, agregar essas tecnologias informacionais no processo crítico de formação do indivíduo. Não basta mais disponibilizar informação, se faz necessário capacitar o usuário a buscar de forma autônoma a informação em sites confiáveis.

## **Metodologia**

A metodologia da pesquisa foi bibliográfica e utilizou o Portal de Periódicos da Capes para ter acesso aos artigos nos campos da biblioteconomia e ciências sociais. Utilizamos também como consulta os autores, Buckland (1991) sobre o conceito de informação, Burke (2012) sobre a sociologia do conhecimento e para debater as

questões sociais do mundo virtual, o sociólogo Bauman (1999). Nosso campo de investigação é sobre a formação de leitores no ambiente das bibliotecas brasileiras.

## **Discussão**

Para se ter biblioteca que proporcione ao usuário não apenas conforto, mas informação utilitária para sua vida, para seus estudos é necessária a construção da formação deste leitor crítico, dinâmico, que consegue decifrar as informações manipuladas por veículos de comunicação. A leitura de várias fontes documentais poderá trazer para o usuário a capacidade de interpretar a realidade social a partir da sua opinião sobre as volatilidades do cenário político, econômico e cultural da sociedade. Oferecer informação, pesquisa bibliográfica, não forma um cidadão leitor. Essa oferta é pertinente, porém é preciso ir além da coisificação da informação. Ter acesso a livros, revistas, portais de *websites*, redes sociais, comunicação interativa e em tempo real, podem ser apenas transmissão de dados e no caso, dos livros e revistas, quando não lidos, são apenas objetos. Para Buckland (1991) esses elementos não constituem conhecimento, são apenas dados:

“Portanto, informação-como-coisa”, qualquer que seja o nome, tem um interesse especial relacionado a informação de sistemas, porque sistemas de informação incluem “sistemas específicos” e sistemas de recuperação podem relacionar-se diretamente com informação nesse sentido. O desenvolvimento de regras para esboçar inferências sobre informação armazenada nessas áreas é de interesse prático e teórico. Mas essas regras operam sobre e somente em “informação-como-coisa”. O propósito dessa avaliação de “informação-como-coisa” é:

- (1) Esclarecer seu significado em relação a outros usos do termo “informação”;
- (2) Estabelecer a regra fundamental de “informação-como-coisa” no sistema de informação; e
- (3) Especular o possível usos da noção de “informação-como-coisa” trazendo ordem teórica a campos heterogêneos, mal ordenados associados com a “ciência da informação”. A distinção entre intangíveis (conhecimento e informação-como-conhecimento) e tangíveis (informação-como-coisa) é fundamental para o que se segue. Se você pode tocar ou medi-lo, não é conhecimento, mas deve ser alguma coisa física, possivelmente informação-como-coisa. (BUCKLAND, 1991, p.352)

Diante da disponibilidade de informação inesgotável, passa a ser um desafio para a biblioteca equiparar o interesse dos jovens que são os jogos online, redes sociais, aplicativos de relacionamentos sociais, entretenimento em tempo real. A leitura cada vez se torna um desafio para as instituições culturais e de formação educativa. Cresce o número de crianças desinteressadas pela aprendizagem escolar. Esta dificuldade reflete no ambiente da biblioteca. Sem o domínio da leitura, a pessoa

muita das vezes sequer frequenta o espaço, por achar que ali não é um ambiente também de aprendizagem.

Corroborando o discurso de Buckland, para o autor existe três tipos de informação a saber: informação como coisa, informação como processo e informação-conhecimento. Apenas o último possibilita a formação de leitores. Na imagem 1 temos uma melhor compreensão da informação.



Imagem 1: Da esquerda para a direita, temos a informação como coisa, informação como processo e por último a informação como conhecimento.

**FONTE: Imagens coletas pelo autor na Internet (2017)**

Com a atomização da informação, diminuiu o interesse pela leitura. No compreender de García Canclini (2008) não há um triunfo das imagens sobre a leitura, mas o cenário é preocupante, principalmente para o mercado editorial.

Nas universidades massificadas, os professores com trinta anos de experiência comprovam que cada vez se lê menos livros e mais xerox de capítulos isolados, textos curtos obtidos na internet, que comprimem a informação. Diminuem os “leitores fortes” (extensivos ou intensivos), enquanto aumentam os “leitores fracos” ou “precários”, que, face aos “livros de adultos”, sentem que “perdem tempo”, mantêm imóvel o corpo, “como uma forma de morte”. (GARCÍA CANCLINI, p.58, 2008).

O imaginário social das comunicações massivas que a ciência está ao alcance de todos, com a expansão da informação, não parece ser uma unanimidade entre os sociólogos. Para Burke (2012) o conhecimento estava se popularizando cada vez mais. Este último conceito, porém, é escorregadio.

O ideal da “ciência para todos” ou do “conhecimento para todos” não pode ser implementado na prática tratando todos da mesma maneira. Por isso, alguns autores sobre o tema preferem o termo neutro “exposição”, em vez de “popularização”. Um segundo problema diz respeito ao processo de difusão ou disseminação, muitas vezes visto pelos próprios comunicadores como um mero processo de passagem ou transmissão. No entanto, como têm ressaltado os teóricos da “recepção” literária, a distinção entre um emissor ativo e um receptor passivo é demasiado esquemática. Comunicar o conhecimento não é um processo de “transportar informação como batatas numa esteira rolante”, ponto que fica especialmente evidente nos estudos sobre os vários usos de um mesmo livro – no isolamento, em conversas pessoais, em debates públicos e assim por diante. (BURKE, 2012, p.113).

Como podemos identificar na fala de Burke, o compartilhamento da informação não significa que produzimos mais leitores. Percebe-se que as pessoas estão mais informadas acerca dos debates políticos e econômicos, mas isso não significa maior engajamento social na luta pelos direitos coletivos.

Para Bauman (1999) as comunidades virtuais tendem a não criar o hábito de dialogar, trazer assuntos para o debate, pois geralmente são grupos que possuem a mesma opinião. Conversar com um grupo de pessoas que pensam a mesma coisa, compartilham as mesmas ideias, é como ouvir o próprio eco.

As chamadas “comunidades intimamente ligadas” de outrora foram produzidas e mantidas, como agora podemos ver, pela defasagem entre a comunicação quase instantânea *dentro* da pequena comunidade (cujo tamanho era determinado pelas qualidades inatas dos *wetware* e assim confinado aos limites naturais da visão, audição e capacidade de memorização do homem) e a enormidade de tempo e despesas necessários para passar informação *entre* as localidades. Por outro lado, a atual fragilidade e curta duração das comunidades parece ser sobretudo resultado da redução ou completo desaparecimento daquela defasagem: a comunicação intracomunitária não leva vantagem sobre o intercâmbio entre comunidades, uma vez que *ambos* são instantâneos. (BAUMAN, 1999, p.16).

Corroborando com o autor, a informação para se tornar utilitária para a pessoa, o bibliotecário poderá desenvolver competências informacionais<sup>1</sup> para o usuário se apropriar do conteúdo informacional disponibilizado em material impresso e digital.

Como comensurar uma informação diante de tantas fontes de pesquisa? Isto é particularmente perceptível com os usuários a quem foi atribuído um papel de investigar sobre determinado tema. Pode ser percebido diante da tarefa de pesquisa, sinais de hesitação, confusão e incerteza nos estágios iniciais de busca de informações através da internet. Não há indicadores sobre o número de fracassos de

---

<sup>1</sup> Refere-se à capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação. Ao longo do processo de letramento informacional, os aprendizes desenvolvem competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos. (GASQUE, 2013, p.5).

pesquisas realizadas na internet, procurando informações verídicas sobre um tema, mas há desconfiança que o número de tentativas infrutíferas seja bastante considerável diante do caos informacional.

### **Considerações finais**

Considerando que a leitura é primordial para a competência informacional, a biblioteca com o auxílio dos profissionais que atuam no ambiente, pode proporcionar ações educativas que promovam uma aprendizagem colaborativa.

É necessária uma reflexão dos bibliotecários relativo aos desafios de desenvolver competências informacionais para o usuário. Uma biblioteca tradicional consegue reter a atenção do usuário diante dos seus celulares, com conectividade com o mundo virtual, com as redes sociais, no qual a interação ocorre a todo vapor? Que informação é disponibilizada para os usuários, de que forma a biblioteca pode potencializar o processo de conhecimento? O usuário é desafiado a procurar fontes de informação seguras que corroborem com sua pesquisa? É necessário um debate para saber se os usuários estão se deixando seduzir pelas armadilhas das redes sociais. As redes sociais desempenham um papel preponderante na interação, na aproximação de pessoas, que estão separadas fisicamente por milhares de quilômetros; mas, ao mesmo tempo, pode criar um mundo ilusório, onde todas as nossas manifestações de carinho, raiva, inconformismo, preconceito, ameaças, ilusões, namoros e outras situações do cotidiano não saiam do mundo virtual.

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – II**: da enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25246>>. Acesso em: 11 jul. 2017.